



Taller Nacional sobre “*Migración interna y desarrollo en Brasil: diagnóstico, perspectivas y políticas*”

30 de Abril 2007, Brasilia, Brasil

Organizado por la Comisión Económica para América Latina y el Caribe, CELADE-División de Población, con el apoyo y auspicio del Banco Interamericano de Desarrollo (BID)

Potencialização da Migração de Retorno entre São Paulo e o Nordeste Brasileiro: Evidências, Perfil dos Envolvidos e Busca de Respostas ao Fato em Questão

Heton Ellery Araujo, André Luis Sousa, Camilo Bassi y Federico Barbosa

Potencialização da Migração de Retorno entre São Paulo e o Nordeste Brasileiro: Evidências, Perfil dos Envolvidos e Busca de Respostas ao Fato em Questão

Heton Ellery Araujo, André Luis Sousa, Camilo Bassi y Federico Barbosa

Resumo

O texto tem como núcleo analítico a potencialização da migração de retorno entre São Paulo e o Nordeste brasileiro, durante a segunda metade das décadas de 80 e 90, respectivamente. À realização da tarefa, toma-se como base informacional os dados dos Censos Demográficos de 1991 e 2000- e as razões a tal atitude serão devidamente descritas no decorrer do trabalho – fazendo-se a priori uma demonstração da magnitude dos acontecimentos. Na seqüência, caracteriza-se os envolvidos – idade, educação e estrutura familiar - e, a posteriori, busca-se fundamentos ao fato em questão. Conclui-se que São Paulo tornou-se bem mais inóspito aos “Nordeste Oriundos”, particularmente àqueles com menor qualificação. Mais: que o retorno não vem acompanhado de ganhos de bem estar, o que o torna a idéia de um regresso “sombreado” e “refrigerado”, no mínimo, pueril.

1. Introdução

No Brasil, de desequilíbrios inter-regionais crônicos, os fluxos migratórios sempre foram intensivos e direcionados. Nada muito surpreendente, se ponderarmos que os deslocamentos populacionais são essencialmente uma busca por bem estar, dominados pelas variáveis emprego e renda.

Já bem mais surpreendente que as considerações supra levantadas foi um arrefecimento nada desprezível do fluxo migratório, exatamente entre espaços historicamente inter-comunicantes. Confrontando os Censos demográficos de 1991 e 2000, vê-se que tanto menos Nordestinos migraram para o estado de São Paulo, como, e principalmente, - já que se constitui no centro nervoso de nossa análise - muito mais nordestinos retornam ao seu espaço de origem.

No texto presente, nossas atenções se voltam a esta “migração de retorno”, com o propósito maior de tentar fundamentá-la. No fundo, as interrogações que nos norteiam são: teria São Paulo perdido sua hospitalidade ou, pelo contrário, foi o Nordeste que se tornou mais hospitaleiro? Os que regressaram ao Nordeste inseriram-se de melhor forma no mercado de trabalho nos diferentes períodos?

À resposta das questões colocadas seguir-se-á, além desta parte introdutória, o seguinte caminho. No tópico primeiro, descrevem-se os determinantes do processo migratório, com destaque à busca por bem estar e a incerteza que o permeia. No segundo, comenta-se o fator “método” e o porquê da utilização dos censos demográficos e não das Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílio - PNAD's. Posteriormente, perfila-se os migrantes de retorno e, com as informações colhidas, responde-se as interrogativas levantadas. A título de conclusão, um breve relato do constatado e algumas observações que se demonstrarem pertinentes.

2. Sobre os Determinantes dos Processos Migratórios

A primogênita das vertentes explicativas (RAVENSTEIN, 1889, apud MATA, 1980) apregoa que os deslocamentos populacionais realizam-se pela ponderação entre fatores de expulsão e atração – *push and pull*- sempre na busca de ganhos adicionais de bem estar. Naturalmente, esta abertura quase ilimitada no conjunto fatorial propicia a inserção de uma série de variáveis, mas é praticamente consensual que emprego e renda são as preponderantes (RAVENSTEIN, 1980). Afinal de contas, ambos são - pelo menos em primeira instância – os instrumentos que, de certa forma, garantem estes ganhos adicionais, particularmente em uma sociedade capitalista, onde não se vive – ou, no mínimo é temerário viver-se - da benevolência de terceiro¹.

É verdadeiro que toda empreitada é cercada por incertezas², incertezas estas que, ao que tudo indica, são minimizadas tanto pela presença de redes sociais³, como com o grau de qualificação/capacitação do migrante. Verdadeiro também a existência de indivíduos sem qualquer poder de deliberação⁴, onde o ato de migrar funciona como uma espécie de “imperativo categórico”, fazendo desta parcela de indivíduos o protótipo dos indivíduos heterônomos. Enfim, sem sombras de dúvidas,

“a migração é um fenômeno reflexo, isto é, uma manifestação de processos e transformações sociais e econômicas mais profundas, que lhe são subjacentes. Trata-se, pois de um tema que, por quase não ter uma essência própria, não pode ser estudado de forma particularmente estanque. Seu objeto de interesse e tratamento não podem ficar predominantemente a uma especificidade científica”. (MOURA, 1980).

Nós, cientes de nossas limitações, e apegando-nos à área de maior afinidade, daremos um tratamento majoritariamente econômico à investigação. As inconsistências podem ser previsíveis, mas acreditamos que alguma luz adicional a temática adquirirá. No tópico seguinte, entramos na variável metodológica. No cerne das considerações o porquê da escolha do Censo Demográfico, em detrimento das Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílio - PNAD's.

3. Aspectos Metodológicos sobre as Bases de Informações

Existem duas fontes de informação para o estudo da migração interna no Brasil: os censos demográficos realizados a cada dez anos e as pesquisas nacionais por amostra de domicílios, PNAD, realizadas anualmente. Os censos possuem dois questionários, um abreviado que é aplicado a toda a população e um mais extenso com perguntas mais detalhadas que é aplicado a uma amostra de domicílios, onde estão as perguntas sobre migração. As PNAD's, por sua vez, possuem apenas um questionário que é aplicado em todos os domicílios da amostra. A diferença crucial das duas pesquisas é o plano amostral: a amostra do censo compreende todos os setores censitários de todos os municípios brasileiros, enquanto a da PNAD compreende setores sorteados de municípios escolhidos no começo da década.

¹ Ou, como disse o próprio Adam Smith (1983): "não é da benevolência do padeiro, do açougueiro ou do cervejeiro que eu espero que saia o meu jantar, mas sim do empenho deles em promover seu próprio 'auto-interesse'".

² E aqui manifestamos nosso descrédito com as teorias que alicerçam o processo migratório à racionalidade substantiva e maximizadora dos agentes, onde o ato de migrar cabe em um simples cálculo probabilístico.

³ Ver, por exemplo, SOARES (2002).

⁴ Ou nas palavras de NOVAK (1989): comportando-se como “engrenagens apáticas” da maquinaria capitalista.

Essas diferenças no plano amostral ensejam diferenças na captação dos diversos fenômenos estudados pelas duas pesquisas, com especial consequência em fenômenos regionalmente localizados e/ou de ocorrência rarefeita no território nacional. Por exemplo, populações que vivem em localidades específicas, como os índios e os quilombolas, não são bem representadas pela amostra da PNAD. Por outro lado, fenômenos raros, como uma profissão muito especializada, são melhor captadas pela amostra do censo do que pela PNAD.

O estudo das migrações sofre, em diferentes graus, dos dois problemas aludidos com relação aos desenhos amostrais. Por esta razão, optou-se pelo uso das informações censitárias para estudar os motivos pelos quais a migração de retorno de São Paulo para o Nordeste tem aumentado.

O Gráfico 1 mostra o quanto a amostra da PNAD pode ter dificuldade em captar os nordestinos que vão morar em outros estados. Isto se dá provavelmente porque esse é um fenômeno localizado no espaço, por exemplo, existem bairros nordestinos em São Paulo. A queda no fluxo de migrante entre o censo de 2000 e a PNAD de 2001 e mesmo entre a PNAD 1999 e a 2001 é virtualmente impossível de acontecer, pois trata-se de média móvel de cinco anos. Deste modo, o que parece estar explicando tamanha queda, é a mudança de setores censitários sorteados na década atual, em relação a década de noventa, que por algum motivo caíram no sorteio setores menos habitados por nordestinos em São Paulo.

Gráfico 1 :EMIGRAÇÃO DE DATA FIXA DO NORDESTE

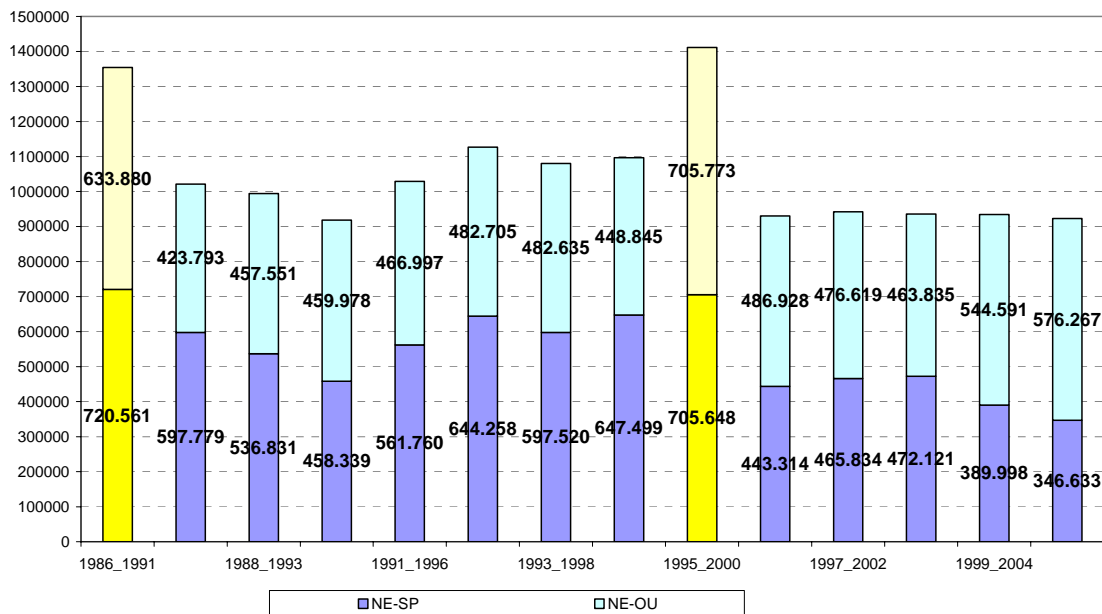
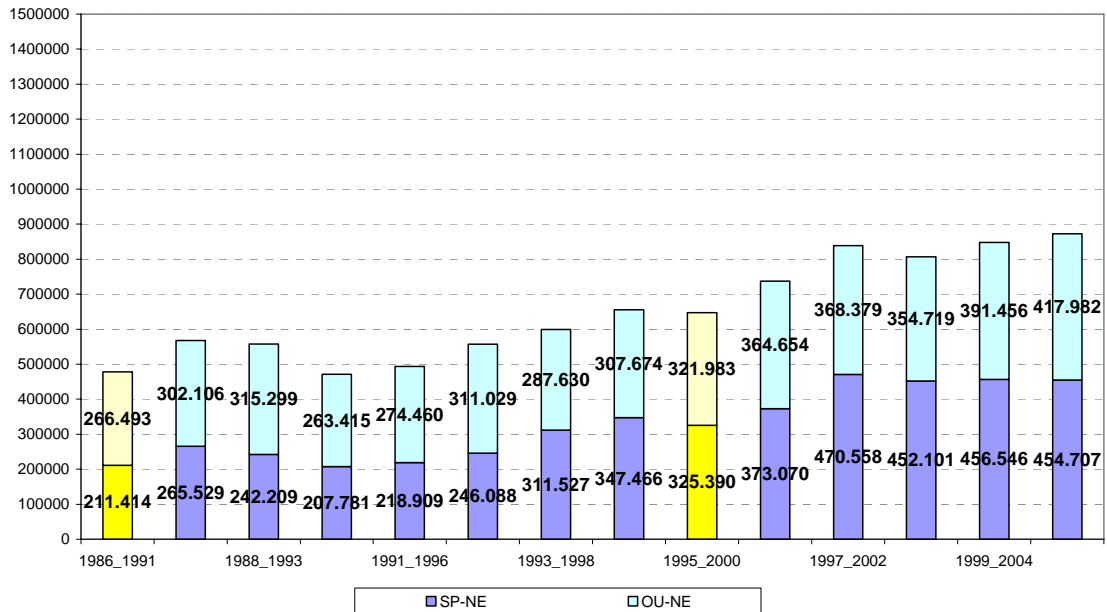


Gráfico 2: IMIGRAÇÃO DE DATA FIXA PARA O NORDESTE

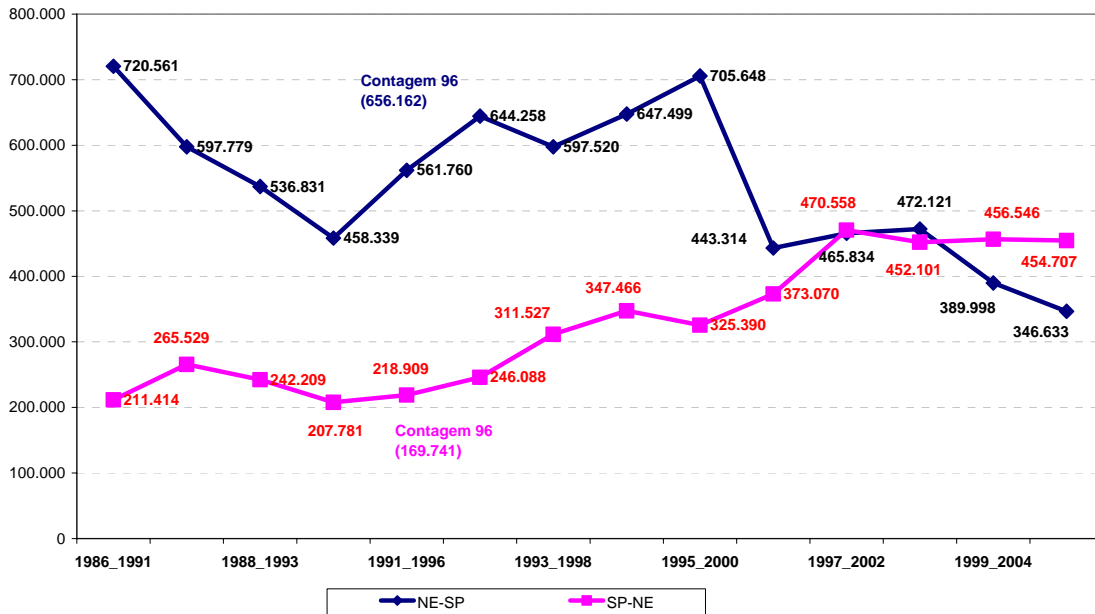


O Gráfico 2 mostra, por outro lado, que a migração de retorno é um fenômeno captado melhor pela amostra da PNAD, uma vez que os censos estão bem mais de acordo com a série das PNAD. O problema em usar a PNAD para o estudo dessa migração é a intensidade do fenômeno: apenas 320.000 pessoas espalhadas num território muito grande com cerca de 45 milhões de pessoas. Ou seja, a amostra é pequena e não resiste a cortes por idade, sexo, inserção no mercado de trabalho, etc.⁵

O gráfico 3 sintetiza os dois lados da migração entre Nordeste e São Paulo e mostra uma reversão no fluxo histórico de pessoas indo da região menos desenvolvida para a mais desenvolvida do país. Acreditamos que a migração de retorno esteja crescendo e que a migração do Nordeste em direção a São Paulo esteja diminuindo, mas a reversão nos parece uma “ilusão de óptica”, causada pelo plano amostral da PNAD.

⁵ Existem técnicas estatísticas para contornar tais problemas, como o empilhamento de PNAD's, mas optamos por trabalhar com os censos.

Gráfico 3: MIGRAÇÃO ENTRE NORDESTE E SÃO PAULO
-DATA FIXA 1991 A 2005-



Sendo assim, nos ateremos aos fluxos observados nos Censos de 1991 e 2000 que mostram uma diminuição da migração do Nordeste para São Paulo- de 720.562 pessoas para 705.648, ou seja, uma redução de 2,1% do fluxo- e um aumento de 53,9% na migração entre o Nordeste e São Paulo, passando de 211.414 pessoas, entre 1986 e 1991, para 325.390, entre 1995 e 2000.

Mais especificamente, esse aumento de 53,9% da migração de retorno (cerca de 80% são nordestinos) justifica um esforço para entender o fenômeno. Nosso foco, então, será seu entendimento, o que equivale a dizer a um aumento desproporcional de nordestinos que decidiram voltar para o Nordeste, entre os dois períodos estudados.

Achamos que uma linha muito rica de análise, para lançar luzes sobre a migração de retorno, é comparar várias características para os diferentes grupos envolvidos nesse fenômeno, quais sejam: os nordestinos que não migraram, os que foram para São Paulo, os que voltaram de São Paulo e os que permaneceram em São Paulo. Este será o tema da próxima secção.

4. Caracterização dos Grupos de Pessoas Envolvidas no Processo de Migração de São Paulo para o Nordeste

As Tabelas 1 e 2 foram organizadas para mostrar algumas características relevantes dos diversos grupos de migrantes “NE à NE”- são os residentes no Nordeste que moravam há mais de cinco anos- “NE à SP”- são as pessoas que migraram do Nordeste para São Paulo nos último cinco anos- “SP à NE”- de São Paulo ao Nordeste- e “SP à SP” os residentes com mais de cinco anos em São Paulo.

Tabela 1. Características das populações com 5 anos ou mais de idade, do Nordeste e de São Paulo que não migraram e que migraram entre si no período de 1985 a 1991.

Tema	Indicador	NE à NE	NE à SP	SP à NE	SP à SP
Números Absolutos	# de homens	17.789.687	368.742	109.703	13.310.921
	# de mulheres	18.792.834	351.820	101.710	13.746.899
	# de pessoas	36.582.521	720.561	211.414	27.057.820
	# de pessoas por dia	-	395	116	-
Idade	% de 5 a 14 anos	30,6%	18,0%	29,0%	23,3%
	% de 15 a 39 anos	45,0%	72,6%	54,3%	47,7%
	% de 40 ou mais	24,5%	9,4%	16,7%	28,9%
	Idade média	28,27	24,46	26,66	31,17
Educação (18 a 29 anos)	% < 4 anos de estudo	42,6%	37,4%	29,1%	14,1%
	% 4 a 10 anos de est.	42,5%	52,4%	57,1%	58,4%
	% com 11 ou mais	14,9%	10,2%	13,8%	27,6%
	Anos médios de est.	4,80	4,82	5,58	7,46
Estrutura Domiciliar	% de outros parentes	8,5%	24,7%	12,4%	7,6%
	% de emp. doméstica	2,0%	12,6%	2,5%	1,5%
	% de casais	52,6%	32,1%	41,1%	58,2%
	# de filhos por dom	1,92	1,11	1,34	1,41

Fonte: Censo Demográfico 1991. IBGE. Elaboração própria.

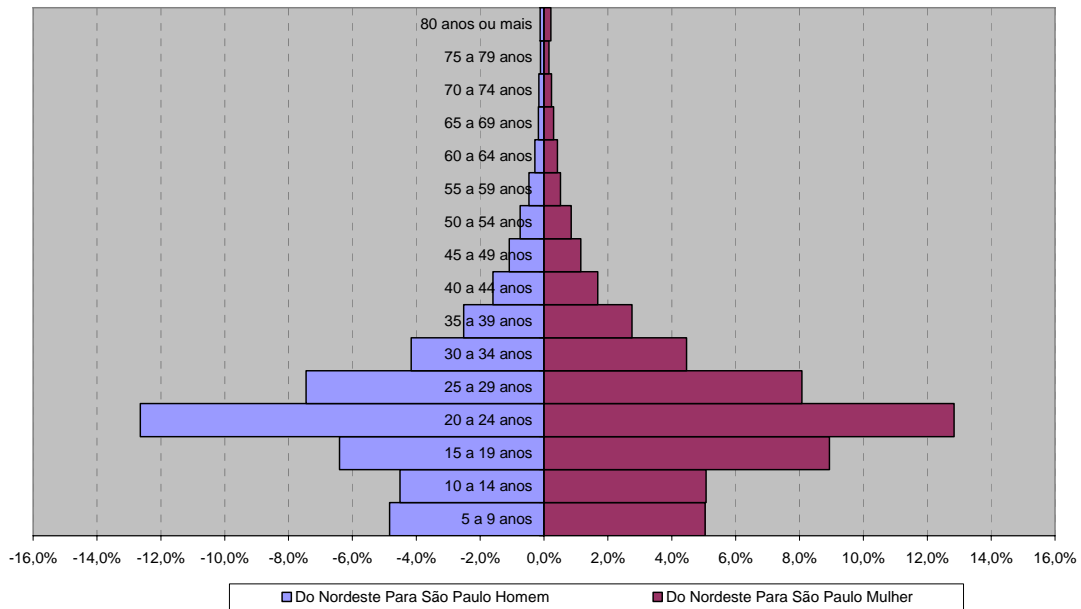
Um primeiro ponto a ser evidenciado é a dimensão do fenômeno de migração do Nordeste para São Paulo, região menos desenvolvida para mais desenvolvida do Brasil. Em cinco anos, nada menos que 720.561 pessoas deixaram de morar no nordeste e passaram a morar em São Paulo, uma chegada de 395 pessoas por dia, durante cinco anos ininterruptos. Embora a pressão por moradia tenha sido de apenas 82 novas residências por dia, graças ao agrupamento em famílias de moradores mais antigos ou mesmo entre os migrantes, é difícil exagerarmos os efeitos desorganizadores de tamanho fluxo para as regiões receptoras. Esse fenômeno reduziu-se marginalmente entre 1995 e 2000, mas o número de moradias diárias aumentou para 88, pois o número de chefes de domicílios aumentou.

Tabela 2. Características das populações, com 5 anos ou mais de idade, do Nordeste e de São Paulo que não migraram e que migraram entre si no período de 1995 a 2000.

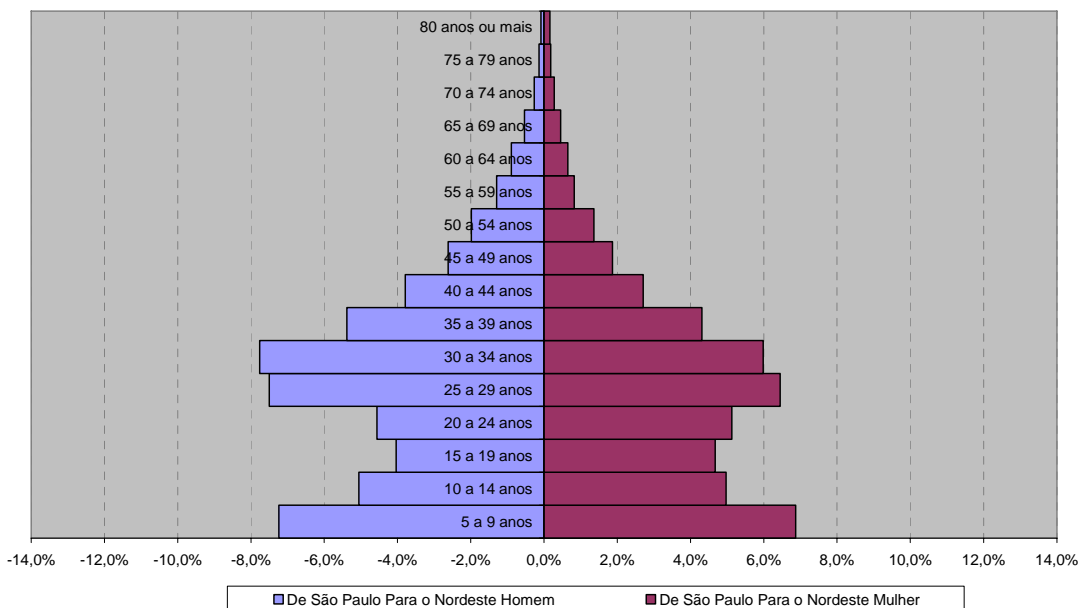
Tema	Indicador	NE à NE	NE à SP	SP à NE	SP à SP
Números Absolutos	# de homens	20.512.603	333.677	172.911	15.898.133
	# de mulheres	21.535.477	371.971	152.479	16.662.371
	# de pessoas	42.048.080	705.648	325.390	32.560.504
	# de pessoas por dia	-	387	178	-
Idade	% de 5 a 14 anos	25,1%	19,5%	24,1%	19,4%
	% de 15 a 39 anos	47,3%	70,2%	55,8%	47,5%
	% de 40 ou mais	27,6%	10,3%	20,1%	33,2%
	Idade média	30,32	24,80	28,30	33,01
Educação (18 a 29 anos)	% < 4 anos de estudo	30,2%	22,6%	22,0%	7,9%
	% 4 a 10 anos de est.	50,3%	62,9%	60,5%	49,7%
	% com 11 ou mais	19,6%	14,5%	17,5%	42,4%
	Anos médios de est.	5,97	5,99	6,29	8,71
Estrutura Domiciliar	% de outros parentes	9,7%	23,4%	13,2%	7,5%
	% de emp. doméstica	1,1%	5,1%	1,4%	1,0%
	% de casais	50,5%	43,5%	41,1%	55,7%
	# de filhos por dom	1,62	1,16	1,22	1,24

Voltando-nos, agora, à caracterização dos envolvidos, diríamos em primeiro lugar que a migração do Nordeste para São Paulo é basicamente de jovens, sendo que a volta para o Nordeste é mais madura. Para visualizar esse fenômeno é melhor observar as pirâmides do que os números nas Tabelas acima. Vejamos: o intervalo modal dos migrantes para São Paulo é 20 a 24 anos tanto para homens como para mulheres, enquanto que no retorno é de 30 a 34 anos para homem e 25 a 29 para mulheres. Além disso, saíram mais homens para São Paulo no final da década de oitenta do que no final dos noventa, processo inverso vivido pelas mulheres.

Migração de data fixa entre Nordeste e São Paulo - pirâmide etária dos migrantes entre 1991 e 2000.



Migração de data fixa entre São Paulo e Nordeste - pirâmide etária dos migrantes entre 1991 e 2000.



Com relação à educação, o fato mais relevante é a diminuição entre os incrementos na educação dos jovens que retornam vis à vis aos que vão para São Paulo. Se no final da década de oitenta, o diferencial entre anos de estudo dos que retornavam para o Nordeste, com relação aos que iam para São Paulo, era de 0,76 esse mesmo diferencial caiu para 0,30 anos de estudo.⁶

A solidariedade entre os nordestinos em São Paulo parece ter diminuído, entre os dois períodos, a proporção de migrantes como outros parentes, ou seja, os que usufruíam dos benefícios de uma rede de apoio diminuiu de 24,7% para 23,4%, enquanto que aumentou tanto para os residentes do Nordeste quanto para os retornados.

Todos esses fatores parecem estar influenciando a decisão dos nordestinos de retornar ao local de origem. Nos parece importante, no entanto, empreender uma análise mais acurada sobre a inserção desses grupos no mercado de trabalho para saber se encontramos mais motivos potenciais para o retorno.

5. Inserção dos Grupos de Migrantes no Mundo do Trabalho

A idéia nessa secção é traçar um quadro detalhado das condições do mercado de trabalho, tanto em São Paulo, como no nordeste, e da situação de inserção dos migrantes nesses mercados. Uma desvantagem de trabalhar com os censos é que o Censo de 1991 foi feito numa época em que o Brasil ainda vivia um processo inflacionário intenso, que praticamente inviabiliza comparações mais precisas, a respeito dos salários percebidos pelos diferentes grupos de ocupação. Outro problema foi uma mudança no tempo a ser considerado para a pessoa ser conceituada como ocupada: em 1991, considerava-se o ano e, em 2000, a semana de referência. Como conseqüência, as taxas de desemprego não são comparáveis entre os períodos. Apesar dessas limitações achamos que as informações contidos nas Tabelas 3 e 4 mostram ao leitor um quadro bem detalhado da grande desestruturação ocorrida no mundo do trabalho no período.

A qualidade do posto de trabalho tem sido muito debatida entre os estudiosos do assunto, mas o debate gira em torno de duas dimensões: a remuneração e a proteção social que ele proporciona. Estas duas dimensões são fortemente condicionadas pelo setor de atividade e pela posição na ocupação que o indivíduo ocupa. Para qualificar a inserção dos nordestinos no mercado de trabalho utilizamos essas duas dimensões, separando-os em 3 grupos de ocupação. O quadro 1 resume o procedimento.

⁶ Ir para São Paulo já não significa mais melhorar tanto a escolaridade formal.

Quadro 1. Salário Médio dos Nordestinos por Setor de Atividade e Condição no Ocupação em 2000.

GRUPOS	SETOR DE ATIVIDADE	POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO	SALÁRIO MÉDIO DOS NORDESTINOS
G1	Construção	Empregador	3.761,43
	Serviços financeiros	Empregador	3.649,71
	Adm. Pública e serviços sociais e coletivos	Empregador	3.024,81
	Outros	Empregador	2.848,04
	Comercio e serviços não financeiros	Empregador	2.435,39
	Industria	Empregador	2.346,99
	Primário	Empregador	1.432,18
G2	Serviços financeiros	Conta-própria	903,79
	Serviços financeiros	Emp. com carteira	624,28
	Adm. Pública e serviços sociais e coletivos	Emp. com carteira	599,88
	Adm. Pública e serviços sociais e coletivos	Conta-própria	533,85
	Industria	Emp. com carteira	494,42
	Outros	Emp. com carteira	491,13
	Comercio e serviços não financeiros	Conta-própria	480,73
	Comercio e serviços não financeiros	Emp. com carteira	448,61
	Construção	Emp. com carteira	439,45
	Construção	Conta-própria	390,66
	Serviços financeiros	Emp. sem carteira	371,30
	Outros	Conta-própria	340,88
G3	Industria	Conta-própria	331,30
	Primário	Emp. com carteira	295,30
	Adm. Pública e serviços sociais e coletivos	Emp. sem carteira	293,75
	Construção	Emp. sem carteira	259,91
	Outros	Emp. sem carteira	251,75
	Serviços domésticos	Emp. com carteira	248,33
	Comercio e serviços não financeiros	Emp. sem carteira	226,57
	Industria	Emp. sem carteira	221,87
	Primário	Conta-própria	171,30
	Serviços domésticos	Emp. sem carteira	141,95
Primário	Emp. sem carteira	43,75	

Fonte: Censo Demográfico 2000. IBGE. Elaboração própria.

O s salários estão em valores correntes e o salário mínimo à época era de R\$ 150,00. Consideramos como grupo 1 os ocupados nordestinos que percebiam, em média mais de 10 salários mínimos: esses são os empregadores. O grupo 3 são aqueles ocupados que ganham em média até dois salários mínimos: esses são os sem carteira em geral, os empregados do setor primário e os serviços doméstico. O grupo 2 é composto pelo restante dos ocupados, que ganhavam, em média, mais de dois e menos de dez salários mínimos.

Tabela 3. Inserção no Mundo do Trabalho entre 1986 e 1991.

Tema	Indicador	NE à NE	NE à SP	SP à NE	SP à SP
Números Absolutos	PEA	14.544.971	447.682	95.211	13.073.985
	OCUPADOS	13.602.131	419.325	87.941	12.358.949
	DESOCUP.	942.840	28.357	7.270	715.036
	TAXA DE DESEMP.	6,5%	6,3%	7,6%	5,5%
Rendimento	% renda do trab.	83,6%	96,8%	87,0%	86,8%
	% Outros rend.	16,4%	3,2%	13,0%	13,2%
Qualidade da ocupação	% G 1	2,4%	0,6%	3,5%	2,5%
	% G 2	45,5%	73,0%	57,1%	77,9%
	% G 3	52,1%	26,4%	39,5%	19,6%

Fonte: Censo 1991. IBGE. Elaboração própria.

Tabela 4. Inserção no Mundo do Trabalho entre 1995 e 2000.

Tema	Indicador	NE à NE	NE à SP	SP à NE	SP à SP
Números Absolutos	PEA	19.151.249	421.007	158.685	17.503.703
	OCUPADOS	16.122.648	326.537	124.528	14.464.551
	DESOCUPADOS	3.028.600	94.470	34.157	3.039.152
	TAXA DE DESEMP.	15,8%	22,4%	21,5%	17,4%
Rendimento	% renda do trab.	73,7%	92,6%	77,3%	80,5%
	% Outros rend.	26,3%	7,4%	22,7%	19,5%
Qualidade da ocupação	% G 1	1,8%	0,3%	2,2%	1,5%
	% G 2	43,3%	57,8%	48,8%	69,8%
	% G 3	54,9%	41,9%	49,0%	28,7%

Fonte: Censo 2000. IBGE. Elaboração própria.

Em 1991, um nordestino percebia seu desemprego em São Paulo como menor do que no Nordeste, já em 2000, era cerca de 42% maior. Ou seja, o risco de não inserção em São Paulo, com relação ao Nordeste, aumentou consideravelmente. O percentual da renda vindo do trabalho também diminuiu para todos os grupos.⁷

O ponto principal do nosso argumento está, no entanto, na segunda parte das Tabelas 3 e 4. Se considerarmos o G3 como aquelas ocupações de reserva, nas quais o sujeito fica apenas por falta de opção, o nosso indivíduo heterônomo, então constatamos que os nordestinos em São Paulo, tanto os chegados a menos de cinco anos, quanto os mais antigos, tiveram uma deterioração de suas condições de inserção.

No Nordeste, a situação já era precária, em 1991, e provavelmente sempre o foi, daí o porquê do fluxo histórico de saída. Mas o mais importante é que os retornados foram os que mais deterioraram sua situação no período, aumentando de 26,4% no G3 para 41,9%, em 2000. Criou-se assim uma situação para os nordestinos de “se correr o bicho pega se ficar o bicho come”: ficar em São Paulo é muito ruim, voltar para o Nordeste também.

⁷ A explicação para esse fato pode estar ligada ao papel das transferências, tanto familiares como do estado, mas aponta para uma provável queda dos salários também.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De pronto, pode-se argumentar que a resposta a nossa primeira interrogativa – “Teria São Paulo perdido sua hospitalidade ou, pelo contrário, foi o Nordeste que se tornou mais hospitaleiro?” - é que, no período 1991/2000, São Paulo tornou-se mais inóspita aos nordestinos.

Posteriormente, mas não menos importante – e aqui a resposta à segunda das interrogativas - o centro nervoso dos nordestinos que retornaram, inseriram-se no mundo do trabalho, de maneira bastante similar aos que não migraram, não permitindo grandes saltos na qualidade de vida. Ou seja, é pueril – particularmente no caso analisado - a idéia que associa o regresso a uma vida sombreada e refrigerada, fruto de anos árduos de trabalho em terras distantes. Melhor interpretando, diríamos que foram os punhos fechados, do, até então, “oásis nacional” o maior responsável por esta petrificação do *modus vivendis*. Soluções? Provavelmente, um Estado mais sensível aos problemas nacionais, mais atento aos desequilíbrios regionais e indispensavelmente criativo: **enfim, soluções locais para os problemas locais.**

Referencias Bibliograficas

BAENINGER, R. **MIGRAÇÕES INTERNAS NO BRASIL: BALANÇO ÀS VÉSPERAS DO CENSO 2000**. CNPD. III Concurso nacional de Monografias sobre \população e Desenvolvimento. Brasília, 2000.

FOLHA DE SÃO PAULO: 3 DE DEZEMBRO DE 2006.

HARRIS, J e TODARO M, **MIGRAÇÃO, DESEMPREGO E DESENVOLVIMENTO: UMA ANÁLISE COM DOIS SETORES**. Em : MOURA, Hélio A. de (coord). **MIGRAÇÕES INTERNAS: TEXTOS ESCOLHIDOS**, FORTALEZA, BNB/ETENE, 1980.

NOVAK, M. **O ESPRITO DO CAPITALISMO DEMOCRATIVO**, SÃO PAULO, PAZ E TERRA, 1896.

PIORE, Michael J. & DOERINGER, Peter B. – **INTERNAL LABOR MARKETS AND MANPOWER ANALYSIS**, Lexington, Mass., Heath, 1971.

RAVENSTEIN, E. G. AS LEIS DA MIGRAÇÃO. Em : MOURA, Hélio A. de (coord). **MIGRAÇÕES INTERNAS: TEXTOS ESCOLHIDOS**, FORTALEZA, BNB/ETENE, 1980.

SASAKI E, e ASSIS G, **TEORIAS DAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS**: ABEP, 2000.

SINGER, P, **ECONOMIA POLÍTICA DA URBANIZAÇÃO**, SÃO PAULO, 1973.

————— **MIGRAÇÕES INTERNAS: CONSIDERAÇÕES TEORICAS SOBRE O ASSUNTO**. Em: MOURA, Hélio A. de (coord). **MIGRAÇÕES INTERNAS: TEXTOS ESCOLHIDOS**, FORTALEZA, BNB/ETENE, 1980.

SMITH, A **A RIQUEZA DAS NAÇÕES: INVESTIGAÇÃO SUA NATUREZA E SUAS CAUSAS**: São Paulo, Abril Cultural, 1983.

SJAASTAD, L; **OS CUSTOS E OS RETORNOS DA MIGRAÇÃO**. Em : MOURA, Hélio A. de (coord). **MIGRAÇÕES INTERNAS: TEXTOS ESCOLHIDOS**, FORTALEZA, BNB/ETENE, 1980.

SOARES W, **PARA ALEM DA CONCEPÇÃO METAFORICA DE REDES SOCIAIS: fundamentos teóricos da circunscrição topológica da migração internacional**, CEDEPLAR, 2002.